

AS QUASE RAZÕES DO SENTIDO

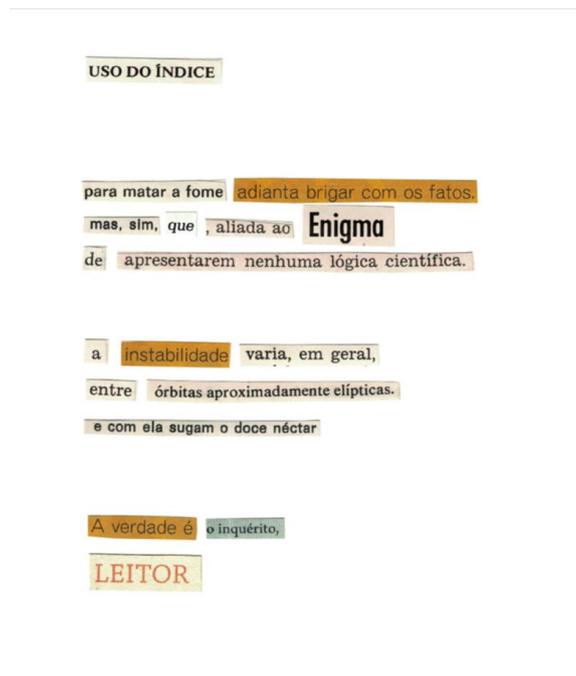
[THE ALMOST REASONS OF MEANING]

RACHEL CECÍLIA DE OLIVEIRAⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-6497-6465>

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, Brasil

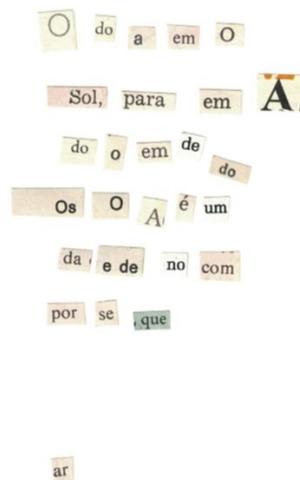
Li todos os livros de poesia escritos pela Mariana Lage, gostei bastante de alguns, tenho poemas preferidos espalhados por todos e me divirto muito com o “Truques, catástrofes e tropeços”, um jogo de palavras com comandos e lembretes composto por 54 frases curtas e cortantes. Ele fica em cima da mesa de centro da minha sala e não são raras as vezes em que passando por lá decido tirar a minha “sorte”. A de hoje foi: “Abdicar o abandono”, a qual interpretei como a ação de renunciar voluntariamente ao ato de desistir, ou seja, uma contradição. Porém, uma contradição que ao invés de me paralisar, transformou-se em um impulso de análise do seu último livro *Enquanto as folhas tremem soltas no ar*. Isso porque é o único de seus livros que me incomoda profundamente. Li e reli seus “poemas”, com aspas, sem conseguir me livrar da confusa sensação de desafio que eles me colocam. Um desafio com a mesma estrutura dos problemas com os quais lido cotidianamente na filosofia. Entretanto, seu conteúdo é contra-filosófico, ilógico, capaz de arrepiar até os últimos pelos da espinha de quem, compulsivamente, busca entender o mundo que nos cerca. Esses quase-poemas, ou quem-sabe-poemas, “[...] brincam com a linguagem e fazem troça com a expectativa por produção de sentido”, nas palavras da própria Mariana na dedicatória que me fez. Já no primeiro poema do livro a dedicatória se torna clara:



Como ler poemas sem sentido? Como escrever sobre poemas sem sentido? Como se furta a buscar neles possíveis “sentidos ocultos”? Qual a real importância do sentido na obra? Essas foram as primeiras questões que transformaram esse pequeno livro em uma espécie de enigma para uma mente por demais cartesiana. O subtítulo irônico – “Poemas” sem ruído – provoca a leitura, pois o ruído é o próprio conteúdo do livro. Afinal, ele é feito de distúrbios em série que compõem os poemas e provocam a deformação das informações que poderíamos desejar que fossem transmitidas. O livro, ao final, atinge uma espécie de quase-limite da possibilidade de compreensão da linguagem. Ou seja, a expectativa de sentido é constantemente renovada e reiteradamente frustrada. Frustrada pela correlação entre as palavras que se seguem umas às outras e pelo desapego com a concordância e a gramática, gerado pela construção visual de cada frase ou palavra por meio de colagens. Dessa forma, Mariana torna a escrita deste texto um desafio, pois como escrever sobre o que talvez, quem sabe, tenha sido dito?

As colagens lembram aquelas cartas anônimas muito comuns em filmes hollywoodianos mais antigos, em que a união de palavras recortadas de jornais e revistas era utilizada como artifício contra o rastreamento da autoria (seria essa sua intenção?). No entanto, a carta dos filmes tem objetivos claros, contém mensagens, muitas vezes diretas, pouco codificadas. Já os “poemas” sem ruído possuem codificações bastante elaboradas. Exigem de quem lê paciência, e exigem serem lidos e vistos ao mesmo tempo, pois são poemas visuais. Ou seja, são duplamente codificados. Mariana parece conduzir um

passeio pelo desenrolar do texto, exigindo de quem lê a abdicação do sentido, deixando bem claro o propósito de seu livro. O problema já está colocado na epígrafe. Durante o percurso ela passa pelo jogo com as palavras e as imagens, até desembocar no abuso da aliteração como procedimento, o qual resulta em poemas compostos, quase que completamente, pela repetição da mesma sílaba em diferentes formatos visuais. Essa repetição de sílabas, “roubadas” de diferentes pessoas, reafirma o embaralhamento da autoria.



Esses quase-poemas são construídos por meio de duas formas de imagem: o texto/imagem e o desenho. O texto/imagem é criado pela colagem de palavras recortadas de textos já escritos, em uma espécie bem particular de escrever sem escrever. Ela estabelece uma forma de quase-escrita, visto que não compõe suas palavras ou expressões, mas sim as seleciona devido ao modo como aparecem, ou seja, o design da impressão do texto de origem importa, assim como a forma de construção das frases selecionadas. Cada palavra, frase ou expressão tem um formato, um tamanho, uma pontuação que é conjugada com as demais que compõem o “poema” final.

Olhar a página e prestar atenção no desenho que a escrita perfaz cria uma outra relação de sentido para o livro. Pensando bem, este é mesmo um livro de “poesias”? Ou é um livro de artista, um livro de desenhos que, por um acaso, são palavras e, por isso, possuem sentido para quem as sabe decodificar. Ou seja, seu sentido pode ser fortuito, quiçá, dispensável, visto que o importante é o desenho. Por outro lado, as palavras sozinhas, ou soltas, possuem um quase-sentido, pois ele é determinado pelo contexto, ou

seja, pela frase em que figura. No entanto, as frases dos quase-poemas não determinam o sentido, muito pelo contrário, elas multiplicam as possibilidades de leitura. Mariana Lage brinca com as frases, brinca com as finalizações e brinca com as relações entre os desenhos e os textos/imagens, abrindo mais um escopo de leitura. Os desenhos não são ilustrações do texto, mas partes independentes dele, compõem a ausência de sentido, assim como compõem os “poemas”. É uma escrita com diferentes linguagens que produz um só texto.

Não são poucas as obras de arte, principalmente as modernas, que frustram a expectativa de sentido. Afinal, “*They all say the same thing of life and living*”¹ (LAGE, 2020, p. 44). O surrealismo e a abstração são os exemplos mais comuns. O que distingue um livro ou um poema? O que é mais necessário, a forma ou o conteúdo? Questões como essas foram feitas e refeitas durante mais de um século e respondidas das mais diversas maneiras. Como não posso me furtar à tentativa, mesmo que frustrada, de criar sentido, me arvorei a estabelecer comparações e a dizer que a linguagem utilizada por Mariana é quase-surrealista. Quase, pois suas questões não são as mesmas, nem seu método ou sua solução visual, o que é o mesmo é o jogo com o sentido. Um jogo que faz da leitura um processo constante de autoengano interpretativo. Desejamos arduamente respostas, elas são reconfortantes. Acalmam a ansiedade das mentes, dão sensação de felicidade. Afinal, como Mariana mesmo adverte: “O mais simples/*forgetting yourself*²/simplesmente/com o que sabe” (LAGE, 2020, p. 22). O quase-surrealismo do livro é, na verdade, uma aproximação equivocada, no sentido de que é necessário deixar existirem os equívocos para que as particularidades dos elementos da relação sejam preservadas.

Ao final do processo de análise, o resultado, no meu caso, foi uma gargalhada quase sonora. Ri de mim mesma, da minha obstinação na busca do sentido. Ri de minha subserviência à racionalidade que organiza o discurso científico. Ri, também, da contradição em que coloquei minha mente, pois tenho prazer com a abdicação do abandono, apesar de ele contrariar os ímpetus mais vorazes da minha mente. Esse prazer abriu todo um universo para que ela trabalhasse neste texto. A frase cortante que tirei na “sorte” acabou por se transformar no sentido de minha análise. Renuncio a desistir de experimentar os poemas e renuncio a desistir de falar sobre eles.

¹ Todos dizem a mesma coisa sobre a vida e o viver.

² Esquecendo de si mesmo.

Como disse Drummond, o “Amor foge a dicionários. E a regulamentos vários”. Será que este não é também o destino desses “poemas”? Livrar-nos dos regulamentos e dos engessamentos do pensamento? Afinal, há razões para o sentido? Ou ele é apenas um hábito que vestimos cotidianamente? Na realidade, talvez esse possa ser um problema, mas como diz um dos “poemas”: “*you must change your life*”³ (LAGE, 2020, p. 69).

Referências bibliográficas

LAGE, Mariana. *Enquanto as folhas tremem soltas no ar: “poemas” sem ruído*. Belo Horizonte: Ed. Do autor, 2020.

Recebido em 20/01/2022

Aceito em 17/11/2022

ⁱ **Rachel Cecília de Oliveira** é professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e do Programa de Pós-graduação em Artes da UFMG. Participou da diretoria da Associação Brasileira de Estética – ABRE – por dois mandatos e foi professora visitante na Université Paris I – Pantheon-Sorbonne. Atualmente é editora chefe da Revista Pós do PPGArtes UFMG e líder do grupo Experiências Descoloniais. Trabalha a pluralidade da arte contemporânea nas interseções entre filosofia, teoria, história e crítica das artes. Além disso, atua como crítica e curadora. **E-mail:** rachel.cecilia.oliveira@gmail.com

³ Você deve mudar a sua vida.